

SAMUEL BENCHIMOL:

Um tema do nosso tempo

Francisco Alves

Dentre a correspondência recebida ultimamente, reservo com especial interesse e carinho a carta que me escreveu Samuel Benchimol de Miami University — Oxford — Ohio — U. S. A.

Benchimol constitui um tema do nosso tempo, da nossa geração, pelo o que ele tem realizado no campo da cultura e as boas oportunidades que lhe têm surgido para o desenvolvimento dessa mesma cultura. A juventude do Amazonas, enclausurada neste fim de mundo, vítima como é de um provincialismo retrógrado e conservador, não supera, na sua grande maioria, os devaneios da mediocridade, e, por esse motivo, as vistas dos nossos jovens não vão além da foz do Rio Negro. Não é meu propósito atacar a nossa rapaziada, mas a realidade indica que os preconceitos pequeno-burgueses, nitidamente reacionários, fazem com que se preocupem em excesso com os empregos públicos. A reação aproveita, então, para desfechar a sua ofensiva e trazer a juventude fechada nas mãos, dispondo à vontade de seu destino. A juventude precisa ser revolucionária e romper desde já com esse espírito da época que a força a se deter como auxiliar de escritório e amanuense de repartições. Eis por que uma viagem como essa de Benchimol se constitui em proeza por demais extraordinária a ponto de não acreditarmos que ele esteja estudando em Miami University — Oxford — Estados Unidos. Para nós, estudantes do Amazonas, quase sem pão e sem teto, lutando para não morrer de fome, realizando penosas conquistas no setor da cultura, é um grande sonho Benchimol dizer-nos que em Miami University "nada perturba o estudante nas suas atividades universitárias porque o estudante aqui é somente estudante e nada mais. De manhã, de tarde e de noite. Tudo aqui é calmo, sereno e tranquilo, pois a nossa universidade acha-se completamente afastada do ruído das cidades e das diversões mundanas". No Amazonas, e também no Brasil, dá-se o contrário: não sabemos si somos estudantes, não temos vida universitária, e as escolas superiores que possuímos o Governo quer fechar.

E assim, constatamos ser Benchimol um tema do nosso tempo. A sua obra está despertando interesse nos homens que fazem pesquisas sociológicas e econômicas, e sua vida já ultrapassou a velha rotina de ficar em casa ouvindo histórias de além túmulo. A minha esperança é de que as correntes progressistas do Brasil rompam com esse estado de coisas, de atraso e de miséria, para que a mocidade do futuro não seja tão boba quanto a de hoje.

Ao mesmo tempo em que reconheço as perspectivas de um sucesso incomum na carreira de Benchimol, disponho-me, com o espírito mais fraternal deste mundo, a fazer comentários à carta que ele me escreveu no dia 12 de outubro. Após a leitura, verifiquei que pontos de vista contrários nos separam fundamentalmente na concepção sobre as civilizações e o destino dos povos. Houve tempo em que eu e Benchimol combinávamos nas conclusões dos estudos feitos e as divergências levantadas não eram de natureza profunda e irreconciliável. Hoje, perten-

ceamos a mundos diferentes, a classes diferentes, e se partimos do mesmo ponto, Benchimol segue para a direita e eu para a esquerda. A carta reflete as sobrecargas pequeno-burguesas que pesam nos seus ombros, e, por isto, merece uma análise pública. Escreve-me ele: "Sei que você, por inclinação partidária, deve olhar com suspeita os EE. UU., mas eu lhe digo que o trabalho que está sendo feito aqui faz a gente acreditar num mundo melhor. A assistência ao homem é completa, os salários elevados (o salário mínimo aqui é de 5 dólares por dia e a vida não é tão cara como se pensa (com um dólar você almoça e janta nos *dungstores*). Somente a gente vendo de perto pode avaliar o que o capitalismo privado tem feito aqui". Nada disso, para mim, é novo ou surpreendente. Não tenho dúvidas sobre o desenvolvimento econômico dos Estados Unidos. Tenho incondicional admiração por sua civilização rural que, como diz Benchimol "é humana, simples e tradicional, bem representada pelos Estados do Sul, Georgia, Alabama, Tennessee, dominados pelos campos de milho, fazendas de gado e algodoais, que se perdem no horizonte". Tenho certeza de que o interior dos Estados Unidos é bem cuidado pelos americanos e as rodovias cortam o país em todas as direções. Já não olho com simpatia a civilização americana urbana que é "desproporcional, desumana e dramática, bem caracterizada em Chicago, — uma cidade de 4 milhões de almas sem coração", como se refere ainda Benchimol.

Não posso levantar suspeitas sobre os EE. UU. Vejo-os como são: um país que mantém em controle o processo econômico de toda a América do Sul, América do Norte, e grande parte da Ásia e da África. O controle se verifica no mais amplo incremento dos "trusts" e monopólios que fazem ecoar para as suas indústrias a matéria prima de nações de economia semi-feudal, como o Brasil. Além de influir diretamente na vida das Américas, os EE. UU. procuram sufocar qualquer tentativa de soerguimento industrial e econômico desses países. Quem não conhece os transe por que tem passado a nossa siderurgia em Volta Redonda? Eis porque, meu caro Benchimol, como você diz, "os americanos têm o Brasil num alto conceito o que não acontece com a Argentina". Neste país, os industriais e monopolistas não conseguiram ainda fincar as suas garras, porque ha predominância do capital inglês, e os ingleses, pela boca dos argentinos, têm reagido de todas as formas contra os trusts internacionais americanos. A luta pela conquista do mercado argentino, por parte dos americanos, é tão acentuada, que chegaram a fazer, meses atrás, uma provocação guerreira entre a Argentina e o Brasil, como uma saída desesperada para a solução desse problema que seria de boas consequências para as indústrias de guerra americanas que ainda hoje fornecem armas para Salazar, Franco e Chiang Kai-Shek trazerem os povos de Portugal, da Espanha e da China, subjugados à prepotência fascista e reacionária. Felizmente essa provocação foi desmoralizada, em virtude da vigi-

(Continua na pág. seguinte)